UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Unidade de Educação a Distância - UEaD/UFPB

Centro de Ciências Aplicadas e Educação

Curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa à distância

REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA REDE PÚBLICA: O OLHAR DE UM PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL II

MASSILON NUNES MOURA

MAMANGUAPE - PB

2022

MASSILON NUNES MOURA

REFFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS NO ENSINO DA LINGUA INGLESA NA REDE PÚBLICA: O OLHAR DE UM PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:

Sandra Maria Araujo Dias

Profª. Drª. Sandra Maria Araújo Dias – UFPB

Orientador/Presidente

Profª Drª Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Sandra Carla Pereira Barbosa

Profª. Mª. Sandra Carla Pereira Barbosa – PMCG

Membro da Banca Examinadora

MAMANGUAPE – PB

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Unidade de Educação a Distância - UEaD/UFPB

Centro de Ciências Aplicadas e Educação

Curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa à distância

REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS NO ENSINO DA LINGUA INGLESA NA REDE PÚBLICA: O OLHAR DE UM PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL II

MASSILON NUNES MOURA

Profa. A Dra. Sandra Maria Araújo Dias – sandra@ccae.ufpb.br (Orientadora)

Profa. A Dra. Juliene Paiva de Araújo Osias – julieneosias@gmail.com (Examinadora)

Profa. Mª. Sandra Carla Pereira Barbosa – sandracpb@gmail.com (Examinadora)

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a percepção de um professor do ensino fundamental II sobre os desafios no ensino de língua inglesa. Para fundamentar esta investigação, nos baseamos nos estudos sobre o ensino de inglês no ensino fundamental II da escola pública, MARZARI; GEHRES, 2015, p. 15; CELANI, 2009, a Base Nacional Comum Curricular e o ensino de língua inglesa (BRASIL, 1998, BRASIL, 2000; PAIVA,2009), e Competência Comunicativa **(**HYMES 1971, SAVGNON,1972; WIDDOWSON 1991). O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, cujo instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário. Este instrumento foi respondido por um professor de língua inglesa do ensino fundamental II, de uma escola pública do município de Campina Grande/PB. Os resultados demonstram inúmeras dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, o que tem impactado diretamente no ensino do idioma.

Palavras-chave: Língua Inglesa, Formação dos Professores, escola pública, competência comunicativa.

ABSTRACT

The present work intends to to analyze the perception of an elementary school teacher II about the challenges in the teaching of English language. To fundamental this investigation, we base ourselves on studies on the teaching of English in elementary school II of the public school MARZARI; GEHRES, 2015, p. 15; CELANI, 2009, the National Curricular Common Base and the teaching of English language Brazil, 1998; BRASIL, 200; PAIVA, 2009, and Competencies Communicative ,Hymes 1971; SAVIGNON, 1972; Widdowson 1991. The present study is characterized as a qualitative research, whose exploratory data instrument was used. An English language teacher of elementaryschool II answered this instrument, from a public school in the city of Campina Grande/PB. The results have difficulties in the teaching-learning process, which has hada direct impact on language teaching.

Key-words: English Language, Teacher Training, public school, communicative competence.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo irei abordar as práticas de ensino-aprendizagem de língua inglesa (LI) nas escolas públicas no Brasil, bem como a formação dos professores da LI. Quando pensamos no ensino de línguas estrangeiras, pensamos em um ensino que venha possibilitar condições aos aprendizes da língua alvo e tornar os alunos aptos para se comunicarem, porém não é o que se ver no ensino da LI em escolas públicas do Brasil, esta problemática é notada por vários fatores que não se integram na proposta pedagógica trabalhada em sala de aulas, por exemplo podemos perceber que o ensino se prende demais na gramática, além da falta de uma formação continuada dos professores, e a falta de recursos tecnológicos disponíveis para elaborar uma boa aula. A explicação que a BNCC apresenta para a escolha desse idioma é:

> Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais,

> nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. É esse caráter formativo que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas" (BRASIL, 2019, p. 241).

Diante deste baixo desenvolvimento que temos por parte deste processo de ensino aprendizagem da LI, visto que alguns autores que defendem a competência comunicativa (CC) preconizam esta abordagem de aprendizado de uma língua estrangeira simplesmente partindo do pressuposto da parte gramatical. Para estes autores da CC o ensino de inglês deve ter como foco central a comunicação, explorando as quatro habilidades ouvir, ler, escrever e falar, visto que após conseguir o domínio destas habilidades os aprendizes da LI ficarão aptos para se comunicarem com os demais colegas:

Quanto às dificuldades que os alunos têm diante do aprendizado desta língua (Língua Inglesa) doravante (LI) é nítido o baixo desempenho que os alunos têm diante do ensino de LI nas escolas públicas, podemos perceber que os métodos de ensino de Língua Inglesa atuais não atingem os objetivos propostos pelo os professores, visto que os alunos não conseguem interagir por meio desta língua alvo.

Isto reflete na deficiência de aprendizado das habilidades de leitura, escrita, compreensão auditiva e fala do idioma a ser aprendido, estas aptidões não são apreendidas ao longo do ensino que os alunos tiveram ao frequentarem as escolas públicas brasileiras. Ou seja, o ensino da língua inglesa, nas escolas públicas, ainda não está obtendo resultados satisfatórios. Este baixo desempenho dos alunos do ensino de inglês em escolas públicas indica que tanto a disciplina em si, apresentada de forma descontextualizada, quanto às práticas do professor, têm influenciado negativamente na aprendizagem do aprendiz de língua inglesa.

Alguns desses casos citados acima tem certa relevância, a exemplo de quando o professor não tem formação completa ou até mesmo na área de atuação da disciplina LI, ele pode até ser motivado para dar as aulas, mas as condições didáticas, tecnológicas, e a falta de interesse dos alunos em querer aprender a língua Inglesa desmotiva o professor, com isso o mesmo não consegue planejar seus métodos e estratégias de ensino para aquela determinada turma.

A escolha deste tema se deu por perceber uma deficiência no aprendizado da língua inglesa por parte dos alunos da rede pública do ensino fundamental II, este entrave na aquisição de aprender uma segunda língua no caso LI, ocorre por que este público ainda está começando a dominar sua língua materna, para esses alunos aprender a LI é tudo novo, pois eles sabem que terão pela frente novos desafios, como uma nova gramática para aprender, uma nova cultura para conhecer, novos vocabulários para aprender, entre outros.

Sabemos que existem muitos mitos pragmáticos no que tange o aprendizado de língua estrangeira em escolas públicas no brasil, eles se sentem entediados e inseguros em relação ao novo aprendizado. Ciente dos desafios, é imprescindível apresentar a competência comunicativa (CC), uma prática pedagógica que oferece uma proposta de se aprender a LI, esta teoria trabalha o seu enfoque na comunicação.

As concepções acabam perpetuando a crença de que não se aprende LI na escola regular e, principalmente, na rede pública (Moita Lopes, 1996; LIMA, 2011).

De fato, vários estudos sobre crenças prejudiciais ao processo de ensino e aprendizagem de línguas foram desenvolvidos, principalmente, na década de 1990, as quais apontavam dentre outros aspectos a concepção de que não se aprende inglês na escola pública (BARCELOS, 1995, 1999; COELHO, 2006).

Ante o exposto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a percepção de um professor do ensino fundamental II sobre os desafios no ensino de língua inglesa. Para atingir o objetivo geral desta pesquisa, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Verificar as ferramentas disponíveis (recursos tecnológicos e materiais didáticos) para o ensino de língua inglesa em sala de aula;
- Analisar prática pedagógica adotada para o ensino de língua inglesa;
- Identificar as dificuldades que o professor percebe nos alunos diante do ensino de LI;

Este trabalho está dividido em quatro seções, além desta introdução: a) referencial teórico, nesta seção apontamos os documentos oficiais que contemplam o ensino da Língua Inglesa a partir do 6° ano na rede pública e também apresentamos a base curricular que propõe que dentro deste ensino da língua inglesa o aluno consiga ter habilidade de se comunicar com pessoas de outros países; b) metodologia, que descreve os procedimentos metodológicos adotados para realizações deste estudo; c) análise de dados, que expõe e discute os resultados mapeados nesta pesquisa; d) considerações finais, seção que apresenta a conclusão deste trabalho

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, abordaremos os pressupostos teóricos que fundamentam o presente estudo.

2.1 O ensino de inglês no ensino fundamental II da escola pública: um olhar sob os Parâmetros Curriculares Nacionais

O cerne deste trabalho, é sobre o ensino regular de língua estrangeira nas escolas públicas brasileiras, tendo como foco a obtenção da língua inglesa pelos alunos da rede pública de educação do Brasil, tal qual é previsto pelos PCN. Conforme Almeida Filho (2003), o ensino de inglês nas escolas regulares produz resultados menores do que aqueles esperados e previstos pela legislação em vigor. Por outro lado, existem as escolas particulares e os cursos de idiomas, onde são aquelas que mantêm o melhor nível de ensino dessa língua.

Assim, as competências esperadas do aprendiz não podem privilegiar apenas uma habilidade. Já que os PCNs preconizam que o indivíduo seja capaz de falar, ler, escrever e entender uma língua estrangeira sem muitas dificuldades, considerando-se que o mundo midiatizado exige dele muito mais do que era exigido nos séculos passados. Os PCNs corroboram essa visão quando afirmam que as línguas estrangeiras modernas, "consideradas, muitas vezes e de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante", adquirem, na nova LDB, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo.

Ainda segundo os PCNs, para os jovens e adultos exercerem a cidadania, é necessário que se comuniquem, compreendam, saibam buscar informações e sejam capazes de interpretá-las e de argumentar a partir delas, o que implica o desenvolvimento de todas as habilidades linguísticas. A aprendizagem da língua

estrangeira é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e de valorização pessoal.

Nos PCNs, a linguagem, por ter característica transdisciplinar, é vista como o elo entre todas as áreas de ensino, e a aprendizagem de língua estrangeira é concebida como fonte de ampliação dos horizontes culturais. Em face da realidade do mundo contemporâneo, globalizado e tecnologicamente mais desenvolvido que o de outras épocas, o ensino-aprendizagem de língua estrangeira não se concebe mais como um processo estático, tolhido apenas aos atos de ler e escrever.

Segundo Freire (1996, p. 25), "[…] quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado". Em outras palavras, durante o processo de formação, o docente adquire experiência e conhecimento que o transforma, ou seja, na sua maneira de pensar e agir. Também em vários outros pontos de vista sobre a mesma situação corrente.

Porém, diferentemente dos professores que ignoram a formação continuada, existem aqueles que acreditam que é preciso fazer uma reflexão quanto às suas práticas de ensino dentro da sala de aula. Em outros tempos da educação pensava-se que a formação do professor era suficiente e o mesmo estava pronto para atuar em sua área escolhida.

Para auxiliar os professores quanto às suas práticas de ensino existem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que é um documento norteador para os professores. Um ponto positivo que os PCNs propõem é sobre a formação continuada dos professores, visto que são poucos que buscam por essa formação; esses docentes que não querem esta formação por acreditar que apenas a formação iniciada é suficiente, acredita~~ndo~~m que ao finalizar o curso de licenciatura, o professor tem o conhecimento necessário e completo para desenvolver sua prática.

Essa mudança pedagógica é entendida como algo mais eficiente, pois ela consegue desenvolver melhores práticas que irão colaborar para o ensino-aprendizagem da LI, esta é a proposta que os PCNs têm quando sugere a formação continuada para os professores da rede de ensino da educação, o objetivo dos PCN leva os professores a fazerem uma reflexão quanto às suas práticas de ensino e busquem novas práticas e com isso possam assegurar um ensino de qualidade para os seus alunos.

Quando analisamos a literatura científica que discute o ensino da língua inglesa nas escolas, verificamos a grande distância entre o que é proclamado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1998, e a realidade concreta marcada por equívocos

metodológicos, precárias condições de trabalho dos professores, além de outros fatores que resultam em práticas ineficientes. Os PCN destacam as seguintes dificuldades no ensino de inglês na escola pública: falta de recursos didáticos, desvalorização e distanciamento do idioma, dificuldades no planejamento de aulas, carga horária reduzida (BRASIL, 1998).

2.2 A Base Nacional Comum Curricular e o ensino de língua inglesa

Língua franca é a língua que várias pessoas, que falam idiomas diferentes, adotam para se comunicarem entre si. Nesse sentido, a BNCC legitima o Inglês, não só como língua falada em países como nos Estados Unidos ou na Inglaterra, mas como uma oportunidade de acesso ao mundo globalizado. Com esse conhecimento, todos os jovens e crianças podem exercer a cidadania e ampliar suas possibilidades de interação nos mais diversos contextos.

Nessa perspectiva de língua franca, o Inglês deixa de ser apenas dos falantes nativos (onde é ensinada como língua materna), e passa a ser uma língua que varia, com diferentes contextos, que dependem do lugar onde é falada. Esse fator favorece o ensino da língua inglesa com mais interculturalidade. Na Base Nacional Comum Curricular explica que

> "[...], a língua inglesa não é mais aquela do "estrangeiro", oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês "correto" – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses e britânicos" (BRASIL, 2017, p. 241).

O novo status de língua franca implica em deslocar a língua de um modelo ideal de falante para um modelo mais real, considerando suas diferenças culturais e as variações linguísticas decorrentes das situações de uso e das comunidades que a falam. A proposta da BNCC é a de reconhecer os diversos repertórios linguísticos presentes em sala de aula e fora dela, ampliando as noções do que vem a ser "certo" e "errado" no uso da língua.

Sendo assim, vemos que a BNCC prevê o ensino de inglês na escola com um "caráter formativo", ou seja, o aprendizado da LI através do exercício da cidadania e da participação em sociedade. Segundo o documento,]

> [...] o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos (BRASIL, 2017, p. 239).

Entendendo quais sãos as Competências e as habilidades que a BNCC propõe para o ensino da LI, segundo a definição que consta na BNCC, competências são "mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atividades e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho".

Na prática, significa que nossos alunos possam utilizar os saberes para a própria vida (dentro e fora da escola), conhecendo e valorizando princípios universais, como a ética, os direitos humanos, a justiça social e sustentabilidade ambiental.

Assim as escolas passam a promover não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o social, o físico, o emocional e o cultural, compreendidos como dimensões fundamentais para a perspectiva de uma educação integral.

A BNCC mudou o ensino da língua inglesa, de língua estrangeira para língua franca:

> Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do "estrangeiro", oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês "correto" – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses e britânicos. (BRASIL,2017, p. 241).

A BNCC considera o contexto social e político do idioma e considera a língua inglesa como uma ferramenta de comunicação e oportunidade de acesso em um mundo globalizado.

Ao ter contato com a língua inglesa em uma perspectiva que valoriza a interculturalidade, amplia-se a compreensão de um idioma que não é só falado em países como os Estados Unidos ou Inglaterra permitindo assim que, todos os jovens e crianças possam exercer a cidadania e ampliar suas possibilidades de interação nos mais diversos contextos.

De acordo com o documento BNCC o ensino da língua inglesa, deve colaborar para desenvolver competências que vão além de ler, interpretar e resolver problemas. Nesse contexto, o eixo da oralidade foi ampliado e agora envolve práticas de linguagem com foco na compreensão (escuta) e na produção oral (fala). O documento também organiza as habilidades da área em cinco eixos:

Oralidade – Práticas de compreensão e produção oral de língua inglesa em diferentes contextos

Leitura – Práticas de leitura de textos diversos em língua inglesa (verbais, verbo-visuais, multimodais)

Escrita – Práticas de produção de textos em língua inglesa relacionados ao cotidiano dos alunos

Conhecimentos linguísticos – Práticas de análise linguística para a reflexão sobre o funcionamento da língua inglesa

Dimensão Intercultural – Reflexão sobre aspectos relativos à interação entre culturas (dos alunos e aquelas relacionadas a demais falantes de língua inglesa), de modo a favorecer o convívio, o respeito, a superação de conflitos e a valorização da diversidade entre os povos.

Como mencionamos anteriormente, encontramos em nossas escolas uma mudança significativa no perfil das crianças e jovens que já nascem conectados e absorvidos pela cultura digital. A BNCC reconhece e valoriza esta mudança ao entender que a formação do indivíduo também é concebida nas práticas sociais do mundo digital. Sabemos que a língua inglesa potencializa as possibilidades de comunicação e participação, ao mesmo tempo que entrelaça diferentes linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual).

O idioma agora é visto não como língua estrangeira ou do outro, mas como um bem cultural mundial que pode ser incorporado de várias formas, para usos diversos, por falantes multilíngues ao expressarem suas múltiplas culturas. Assim, na BNCC, a língua inglesa é concebida como uma prática social que reconhece, valoriza e fortalece as diferenças culturais e variações linguísticas decorrentes de seus diferentes usos, acolhendo os diversos repertórios linguísticos presentes em sala de aula e fora dela.

Vejamos este exemplo abaixo citado pela Professora Sandra Rodrigues (RODRIGUES, 2019) em seu texto, o qual alinha-se ao que a BNCC preconiza para quem almeja a obtenção da LI.

> "Talita – mãe! Vou fechar a porta do quarto pra fazer o trabalho de ciências humanas tá?
> Mãe – ok…sobre o que é o trabalho?
> Talita – influências do imperialismo na contemporaneidade
> Mãe – vai fazer com a Yasmim e a Rafa?
> Talita – também…mas também com o Antoine da França, o Fabian da Alemanha e a Heidi da Inglaterra…não entra no quarto pra ninguém te ver na câmera hein!"
> Ter uma adolescente em casa fazendo trabalho de imperialismo com a ajuda de amigos que conheceu no intercâmbio das férias ajuda a entender a língua inglesa como prática social.
> Quando que em nossa época, podíamos fazer um trabalho sobre o imperialismo Discutindo (em inglês claro) com jovens da França, Alemanha e Inglaterra?"

O que podemos definir sobre a BNCC, devemos vê-la como uma ferramenta muito importante para o professor definir estratégias e com isso otimizar o processo de aprendizagem dos conhecimentos essenciais para seus alunos e os mesmos estimulem o seu pensamento crítico. Para ocorrer a efetivação da base depende de um trabalho conjunto das equipes gestora e pedagógica das escolas.

Ainda sobre o que propõe a BNCC para o ensino da LI, acreditamos que será necessário um longo caminho a percorrer para que estas mudanças tornam-se efetivas nas escolas públicas do Brasil, mas que a iniciativa do ministério da educação de criar este documento com esse teor serve como eixo norteador para que os professores reflitam sobre o processo de ensino da LI.

2.3 Competência Comunicativa

Preparar um profissional competente e com todas as habilidades exigidas do professor é uma tarefa muito complexa, pois envolve, além de componentes linguísticos, aspectos de natureza humana (MATTIAUDA, s/d). No caso da formação do professor de língua estrangeira (LE), para que ele seja competente, deve possuir, essencialmente, a competência comunicativa, base para o professor de LE. O mercado de trabalho cada vez mais exige que os profissionais da área de ensino de línguas

tenham a capacidade de se comunicar e usar a língua que ensinam em situações reais de uso.

A Competência Comunicativa doravante (CC) é um termo mais complexo e sugere uma dinâmica que abrange bem mais do que o simples conhecimento de regras gramaticais e sua pretensa aplicação. Hymes (op.cit.) mostra a importância do contexto para que se desenvolva a CC a partir da interação entre os comunicantes, argumentando que não há aquisição de língua fora do contexto social. É o uso que busca a propriedade na linguagem em diversos contextos de comunicação que vai contribuir para o desenvolvimento dessa crucial competência.

Propondo um conceito mais amplo de CC, Hymes (1971) afirma que a noção de competência não está somente relacionada ao âmbito estritamente gramatical, mas também ao contexto e ao conhecimento sociolinguístico que ele dispara, ou seja, o conhecimento gramatical pode ser inútil ou insuficiente sem as regras de uso porque os enunciados também devem ser apropriados e aceitáveis para serem coerentes nos contextos específicos em que acontecem.

Não seria admissível que nossos professores ficassem alheios a essas conquistas dos Linguistas em promover estudos sobre novas formas práticas educacionais que pode contribuir bastante para o aprendizado dos seus alunos, infelizmente o que se ver de alguns professores sãos seus trabalhos frustrados pelo pouco resultado advindo de grande esforço empregado em suas práticas tradicionais. Devemos admitir que a realidade do trabalho que está sendo feito é um pouco desanimadora. Com efeito, nossos estudantes, após terem recebido ensino de inglês por diversos anos, permanecem incapazes de usar a língua numa comunicação normal, tanto falada quanto escrita.

É frustrante ver as oportunidades desperdiçadas por nossos alunos quando em alguns testes precisa provar do seu domínio quanto ao ensino da LI, normalmente estas oportunidades ocorrem, tanto na área acadêmica quanto na área profissional. Na universidade e nas escolas técnicas, certos assuntos só podem ser satisfatoriamente dominados se os estudantes forem capazes de ler livros-textos em inglês. Contudo a leitura eficiente envolve compreensão de como a língua funciona em comunicação, e essa compreensão nossos alunos não adquirem durante seus estudos adquiridos em sala de aulas.

De acordo com Savignon (1972) a competência comunicativa é um modo de descrever o que um falante nativo sabe e que lhe permite interagir efetivamente com

outros falantes nativos. Dessa forma, o conceito de competência comunicativa estava relacionado à habilidade de uso da língua.

Para Hymes (1972) o contexto social é importante para a comunicação, pois "existem regras de uso, sem as quais as regras gramaticais seriam inúteis". O autor aponta que a competência de uso é parte da competência gramatical, ou seja, na comunicação fazemos uso do sistema linguístico de acordo com as necessidades de uso da língua: como, quando, o quê e com quem falar. Assim, para Hymes, não é bastante que o indivíduo saiba e use a fonologia, a sintaxe e o léxico da língua para caracterizá-lo como competente em termos comunicativos. É preciso que, além disso, esse indivíduo saiba e use as regras do discurso específico da comunidade na qual se insere. O indivíduo demonstra possuir competência se sabe quando falar, quando não falar, e a quem falar, com quem, onde e de que maneira.

Segundo Freire (1989), era o de transformar o conceito de Hymes, de natureza essencialmente teórica, em unidades pedagogicamente manipuláveis, que poderiam servir de base para uma grade curricular e prática de sala-de-aula.

Wilkins (1976) inova o ensino de línguas ao propor que a organização do material didático seja feita pelas noções, ou seja, os significados (lugar, espaço, tempo, movimento) e pelas funções da linguagem ou atos comunicativos (ex. pedir e dar informações, fazer um pedido em um restaurante; expressar sentimentos, etc.).

Widdowson (1991) faz a distinção entre habilidades linguísticas e capacidades comunicativas. Para ele, as habilidades linguísticas seriam apenas formas de manifestação do sistema linguístico, enquanto as capacidades comunicativas seriam formas de manifestação desse sistema num dado contexto em que o ser humano pratica com outros seres por meio dos atos de comunicação.

Já Vieira Abrahão (1992) afirma que um professor bem formado deve reunir as qualidades de ter boa competência comunicativa na língua estrangeira que vai ensinar, ter consciência teórica (conhecimentos em Pedagogia, Psicologia, Linguística e, principalmente, em Linguística Aplicada), saber ser crítico de sua prática pedagógica, consciente da necessidade de se manter sempre atualizado e estar ciente sobre seu papel de educador.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa. De acordo com Gil (2007), a pesquisa exploratória visa uma maior aproximação, uma maior familiaridade com o problema, explicitando-o. Com um planejamento mais flexível, permite-se a consideração de variados aspectos. Na maioria das vezes, assume a condição de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Portanto o método utilizado para realização dessa pesquisa foi de natureza qualitativa, visto que esta metodologia pressupõe uma análise e interpretação de aspectos mais profundos da complexidade do comportamento humano. "[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos." (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 269).

Para obter os dados necessários para o estudo foi realizada uma visita técnica a uma escola da rede pública do município de Campina Grande - PB, em dezembro/2021. A escolha por esta escola como campo de pesquisa por que?

O interesse em escolher uma escola do município com turma do 6° ano do ensino fundamental II, foi por que para muitos alunos da rede pública é o primeiro contato com o ensino da LI. Por questões de ética em Linguística Aplicada, a escola será identificada por Escola municipal ágape (nome fictício).

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário (Ver Apêndice A), elaborado pelo autor desta pesquisa no ano de 2021, período que antecede a elaboração deste TCC. Este questionário foi aplicado com alunos (na faixa etária de 11 anos) matriculados na turma do 6° ano do ensino fundamental II e com um professor da turma. Como forma de entender melhor os desafios do ensino da língua inglesa, tema central deste artigo, a pesquisa teve como participante o professor Matias (nome fictício). Este docente tem formação em Letras Inglês e possui 26 anos de experiência como professor de língua inglesa, e atua como professor da língua inglesa em 6 turmas da escola pesquisada.

4 REVELAÇÕES DO PROFESSOR ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA REDE PÚBLICA

Quando perguntado ao professor sobre a prática pedagógica que se aplica no ensino da LI, no ponto de vista do professor esta é limitada pelo sistema de ensino, pois os professores recebem uma lista de conteúdos prontos, sem consultar os mesmos que entendem a realidade das turmas e o que seria melhor aplicado em sala de aulas.

Para melhorar a metodologia de ensino da LI o professor Matias diz" eu costumo fazer uso de outros métodos de ensino: O Método Tradicional, Sócio Interativo e o Método Construtivismo".

Mesmo diante de tantos esforços do professor é nítido que esta metodologia de ensino deixa a desejar pois vemos o quanto é precário o aprendizado dos alunos da rede pública para se adquirir uma língua estrangeira (no caso a LI).

Antes de tratar da questão de como adquirir as habilidades comunicativas da Língua Inglesa e de como este componente metodológico se concretiza, cabe discutir uma questão que tem sido frequente nas preocupações dos professores de Língua Estrangeira de como transmite este ensino e a procura de um método ideal. Esta problemática foi discutida pelo os PCN:

Essa questão esteve presente durante quase um século (1880-1980), com uma sucessão de métodos o método da gramática e tradução, o método direto, o método audiovisual, o método audiolingual, o que alguns chamam de método nocional-funcional, cada um sendo descartado sucessivamente para dar lugar a algo que se apresentava como mais atraente.

A partir da década de 80 uma nova visão aparece. Prefere-se falar em abordagens em vez de métodos, já que aquelas situam-se em um nível mais conceitual, que permite maior flexibilidade nas suas realizações. (BRASIL,1998, p.75-76).

Para resolver esta questão sobre metodologia de ensino a abordagem comunicativa foi escolhida, o objetivo desta pesquisa é defender o uso da Abordagem Comunicativa como prática de ensino de língua inglesa. Essa abordagem apresenta-se como uma eficiente alternativa para o ensino de línguas, pois ela considera características relevantes e inovadoras para a aquisição da linguagem, com o intuito de favorecer o desenvolvimento da comunicação, sem que as outras habilidades como ler, escrever e ouvir sejam desconsideradas.

Para Canale (1983) o desempenho como sendo uma forma de demonstrar uma habilidade, pondo em prática o seu conhecimento em comunicação real. Para ele, há uma clara diferença entre competência comunicativa e comunicação efetiva, que nada mais é do que pôr em prática o conhecimento da língua - que designa a competência comunicativa.

Wilkins (1976) inova o ensino de línguas ao propor que a organização do material didático seja feita pelas noções, ou seja, os significados (lugar, espaço, tempo,

movimento) e pelas funções da linguagem ou atos comunicativos (ex. pedir e dar informações, fazer um pedido em um restaurante; expressar sentimentos, etc.).

Também foi questionado quanto aos materiais didáticos como ele avalia e se a escola disponibiliza recursos tecnológicos. Para Matias, os materiais didáticos são bons e acessíveis, mas poucos usados devido as salas de aulas serem pequenas.

Esta posição do professor não é totalmente plausível. Pois vivemos em mundo globalizado que nos conecta por meio da Internet e a mesma é um importante componente para auxiliar em diferentes áreas de conhecimento. Entretanto, aprender uma nova língua é essencial e a Língua inglesa é a que está mais inserida na aprendizagem mediada pelo computador. Muitos pesquisadores Warschauer (1996), Leffa (2006), Chapelle (2003).

Vêm propondo o conjunto tecnologia – educação, principalmente para o ensino de línguas. Esses teóricos defendem que o computador não deve ser usado em sala de aula apenas como mero instrumento, mas sim como um material essencial ao professor ao ser usado como elemento decisivo no processo de aprendizado.

Mesmo diante da resposta do professor sobre as salas serem pequenas é indispensável fazer uso das ferramentas tecnológicas educacionais, visto que a utilização da mesma amplia a possibilidade de obter conhecimento.

Em face da realidade do mundo contemporâneo, globalizado e tecnologicamente mais desenvolvido que o de outras épocas, o ensino-aprendizagem de língua estrangeira não se concebe mais como um processo estático, tolhido apenas aos atos de ler e escrever.

O professor tem que está aberto às novas práticas pedagógicas para isso se faz necessário que ele se insira no contexto tecnológico. Pocho (2003) afirma que o professor precisa mudar a sua postura pedagógica diante desse contexto, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento e democratização do conhecimento, é necessário que ele domine o uso da máquina e também a sua utilização pedagógica.

No quesito interesse e motivação dos alunos para o aprendizado da LI, o professor Matias afirmou que é nítida a falta de interesse dos alunos, pois segundo ele, os alunos demonstram ter uma certa rejeição por ser uma língua estrangeira. Percebe-se que no início de ano letivo eles começam um pouco motivado, porém quando com o tempo a motivação.

Na visão destes autores difere da ideia do professor quanto a motivação, pois de acordo com McCombs e Pope (1994) todos os alunos são motivados a aprender, desde

que sejam expostos a um contexto apropriado e a métodos adequados acaba e os mesmos perdem o interesse em aprender uma língua estrangeira.

Quando perguntado se o professor Matias possuía uma sugestão para melhorar o ensino da LI, no entender do professor se tivesse um laboratório mesmo que fosse simples, seria muito útil que se tivesse tv, computador, data show e tabletes disponíveis para servir aos alunos para fazerem consultas em suas pesquisas, isso dentro do processo de ensino seria muito inovador e iria otimizar bastante o aprendizado dos alunos.

Portanto, verificamos, na fala do professor, que a escola não oferece suporte tecnológico para o desenvolvimento de novas práticas de ensino por meio da tecnologia, conforme defende Paiva (2008).

Segundo Paiva(2008), a utilização computador no processo do ensino de inglês e a interação que esse proporciona ao aluno, pode ser visto também como facilitador e estímulo para a aprendizagem. Foi em 1997, chega a WWW nos moldes que conhecemos hoje. Surgiram novas formas de comunicação e os aprendizes de línguas estrangeiras puderam, pela primeira vez, ter acesso a páginas da Internet e interagir com falantes das línguas por email, listas de discussão e fóruns (PAIVA 2008, p. 9).

Quando falado do tempo de aula que se tem o ensino da LI é o ideal, a resposta do professor foi sucinta o tempo de aula é insuficiente para quem quer se aprender uma nova língua, para o professor seria necessário mais tempo de contato com a Língua alvo para desenvolver a comunicação com pessoas de outros países. Que falem ou estão aprendendo a (LI).

A queixa do professor sobre o tempo de aulas insuficiente para se aplicar um ensino da LI na escola pública está presente até nos parâmetros curriculares nacionais no que diz respeito ao ensino fundamental. Esta crença é reforçada no seguinte argumento:

> Deve se considerar o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material 4 reduzido a giz e livro didático, etc.) podem viabilizar o ensino de quatro habilidades comunicativas. Assim o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes. (BRASIL, 1998, p. 21).

O professor Matias identifica como maior dificuldade que os alunos enfrentam no aprendizado do ensino da Língua inglesa a deficiência em sua língua materna ou no seu entendimento. Isso causa um desalinhamento na relação português x inglês / inglês x português. Ele aponta outras dificuldades que são a fluência na leitura e a interpretação de um texto, não tem conhecimento da estrutura da sua própria língua materna, o que dificulta o aprendizado e dominação da LI.

Portanto diante do exposto neste artigo, vemos o como se exige do papel professor e como o processo é espinhoso que segundo Celani (2001) ela afirmar que esse processo de ensino-aprendizagem da LI é uma "visão de ensino como desenvolvimento de um processo reflexivo, contínuo, comprometido com a realidade do mundo e não mera transmissão de conhecimento"

Diante da fala do professor Matias o que podemos perceber que o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa em escola pública é muito difícil de ser realizado, pois vemos muitas limitações por parte do professor :da suas práticas, dos poucos materiais didáticos disponibilizados para auxiliar as suas práticas, ele também relatou a desmotivação dos alunos, das poucas hora-aulas que as secretarias dispõe para o professor exercer seu ensino.

Por mais que o professor se esforce para transmitir o ensino de língua inglesa, isto não é suficiente, visto que não depende apenas dele a responsabilidade deste processo, cabe aos gestores de educação ter maiores comprometimento quanto a este processo e com isso oferecer melhores condições para o professor exercer seu ofício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi feito por meio de uma pesquisa com um professor da turma da turma do 6°ano ,do ensino fundamental II de uma escola pública, com objetivo de entender como anda a formação dos professores de língua inglesa bem como conhecer quais as práticas que o mesmo utiliza em sala de aula, diante da pesquisa pudemos perceber da importância que o professor tem quanto a sua formação superior e da necessidade que o mesmo deve ter na continuidade da sua formação, visto que ele deve estar buscando sempre atualizar suas práticas de ensino, pois o conhecimento está sempre se modificando.

Identificamos, neste estudo, que estas práticas que o professor trabalha em sala de aulas não atende totalmente ao que a base BNCC propõe, pois a base espera que os

alunos da rede pública do brasil consigam saber se comunicar com pessoas de outros países.

Portanto, é possível perceber a deficiência nas práticas de ensino da LI e a falta apoio dos órgãos públicos que deveriam promover um ensino de qualidade que contemple as exigências da base.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística Aplicada, ensino de línguas e comunicação.** Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2005.

ALMEIDA FILHO. **O professor de língua estrangeira em formação**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2009.

BARCELOS, A. M. F. **A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1995

Brasil. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.p.75-76)
.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em: 14 abr. 2022.

Brasil. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 436 p.

https://www.britishcouncil.org.br/atividades/ingles/bncc: Acesso:20 mar.2022.

BASSO, Edeleia Aparecida. **A construção Social das competências necessárias professor de língua estrangeira**. Tese (doutorado). Campinas, SP: 2001

CANALE, M. & SWAIN, M**. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. *In*: Applied Linguistics, 1(1), 1980.

CANALE, M. From Communicative competence to communicative language pedagogy. *In*: RICHARDS, J & SCHMIDT, R (org**.) Language and Communication**. Londres: Longman, 1983.

CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão? *In*: LEFFA, I. J. (Org.). **O professor de línguas: construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2001

CHAPELLE, Carol. A. **Language Learning and language Teaching**, 2003

CELANI, Antonieta. Antonieta Celani fala sobre o ensino de Língua Estrangeira . *In***: Revista Nova Escola.** São Paulo: Editora Abril, 2009. Disponível em: Acesso em: 26 set. 2012.

COELHO, H. S. H. **“É possível aprender inglês em escolas públicas?” Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte. 2005.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. (2008). O drama do ensino de inglês na escola pública brasileira**.** *In*: Assis-Peterson, A. A. (org.). **Línguas estrangeiras: para além do método**. Cuiabá: EdUFMT, p. 19-54.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam** São Paulo: Autores Associados. 1989.

GIL, A, C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

HYMES, D. H. On communicative competence**.** *In***:** PRIDE, J. B. & HOLMES, J. (orgs.). **Sociolinguistics: selected readings**. Harmomdsworth: Penguin, 1972, p. 157-166.

HYMES, D. H. **On Communicative Competence**. *In*: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. The Communicative Approach to Language Teaching. Oxford: Oxford University Press, 1979.

__. On Communicative Competence. In PRIDE, J. B e HOLMES, J. Sociolinguistics. England: Penguin Books, 1972. 381 p. p.269-293.

JARETA, G**. Por que o ensino do inglês não decola no Brasil**. Disponível em: Disponível em:https://revistaeducacao.com.br/. Acesso em:18 mar.2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M, A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEFFA, V. J. A aprendizagem de línguas mediada por computador. *In:* Vilson J. Leffa. (Org.). **Pesquisa em linguística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-36.

MATTIAUDA, Maria Luján. (2003) A formação continuada em serviço – professores de lengua estrangeira. *In*: JOERKE, Gabriel Antonio Ogaya (Coord.) **(Re)construindo e integrando saberes e fazeres no 3º grau: uma perspectiva dialógica.** Cuiabá. Defante.

MCCOMBS, B. L., & POPE, J. E. (1994). Motivating hard to reach students. Washington, DC, American Psychological Association.

MARZARI, G. Q.; GEHRES, W. B. S. **Ensino de Inglês na escola pública e suas possíveis dificuldades.** Thaumazein, Santa Maria. V. 7, n. 14, 2015. Disponível em: < www.periodicos.unifra.br/index.php/thaumazein/article/download/214/pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada: a Natureza Social e Educacional dos Processos de Ensino/Aprendizagem de Línguas**. Capinas: Mercado de Letras, 1996.

MUSSALIM & BENTES. **Análise de Discurso**. *In*: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: domínio e fronteiras. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/77/o-que-a-bncc-propoe-para-o-ensino-de-lingua-inglesa;Acesso:15 abr.2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **O Uso da Tecnologia no Ensino de Línguas Estrangeira: breve retrospectiva histórica.** Disponível em <www.veramenezes.com/techist.pdf acesso :11de mai,2022

POCHO, C. L.; AGUIAR, M. M.; SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. (coord.). **Tecnologia Educacional: Descubra suas possibilidades na sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RODRIGUES, S. A língua inglesa na BNCC. Informe Publicitário.Disponivel:<https://revistaeducacao.com.br/2019/09/22/bncc-lingua-inglesa/>. Acesso: 28 abr.2022.

SAVIGNON, S. J. (1972). **Communicative competence: An experiment in foreign language teaching**. Philadelphia, PA: The Center for Curriculum Development.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (1992). **Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado como foco de pesquisa na formação do professor de L.E. Contexturas**: Ensino Crítico de Língua Estrangeira. (1): 49-5.

WARSCHAUER, M. (1996). **Computer-assisted language learning: An introduction**. *In* S. Fotos (Ed.) Multimedia language teaching (pp. 3-20). Tokyo, Japan: Logos International.

WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Tradução de J. Carlos P. Almeida Filho. Campinas: Pontes, 1991.

WILKINS, D. A. (1976). **Notional syllabuses**. Oxford, Oxford University Press.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO – Ensino de Língua Inglesa

1. **Como você vê a formação do professor de língua inglesa diante do currículo acadêmico?**

2. **Como você avalia os materiais didáticos?**

3. **Você tem disponível recursos tecnológicos.**
   ( ) sim ( ) não

   Caso sim, quais são.

4. **Você concorda ou discorda desta prática pedagógica que se aplica no ensino de língua inglesa?**

5. **Como você vê o interesse ou a motivação dos alunos diante deste aprendizado da LI?**

6. **Você tem sugestão que poderia melhorar o ensino de LI?**

7. **O tempo de aula que se tem para o ensino de LI é o ideal para o aprendizado?**

8. **Quais as dificuldades que você percebe nos alunos diante do ensino de LI?**